

NÃO À UNIVERSIDA-
DE MILITARIZADA!

De há uns anos para cá, o governo tem-se vindo a apereber que já não é só com promessas vãs, nem sequer com a prisão de alguns dirigentes, que consegue enfraquecer a nossa luta. Isto porque o Movimento Associativo tem vindo a ganhar um apoio cada vez maior das massas estudantis e se tem colocado no decurso da luta ao serviço de uma causa justa: a da população trabalhadora.

E as autoridades servem-se então de outros meios para tentar conter o Movimento: instauram processos disciplinares, incorporações forçadas, expulsões da Universidade, ordenam as cargas policiais e finalmente introduzem bufos dentro das escolas - gorilas.

Assim, tentam demover os estudantes e impedi-los de reunir e de levar para a frente as posições colectivas que alcançam justas.

Mas, os estudantes têm sabido reagir: no Técnico, em Direito, no Industrial, etc, as autoridades vêem-se vaiadas (caso do Salles) quando não ferozmente atacadas pelas massas estudantis. E o seu Movimento organizado tem-se vindo a fortalecer.

Vejamos o que se tem passado.

cont. pág 3

SUMÁRIO

Não à Universidade militarizada	1
Continuemos a recepção ao 1º Ano	1
apoiemos os estudantes presos	8
A luta nos liceus	9
Participa activamente na campanha de apoio aos estudantes presos	10

Continuemos a recepção
ao 1º ano

No início das aulas realizou-se em Ciências uma reunião, para a qual foram especialmente convocados os 1ºs anos.

Aí se discutiu a importância de organizar uma recepção aos novos alunos, que teria como finalidade,

• informar todos os nossos colegas dos problemas que surgem na Faculdade e que eles necessariamente vão também sentir;

• apontar-lhes as formas que os estudantes de Ciências têm reconhecido como correctas e levado para a frente, para resolver esses problemas;

• comunicar-lhes a experiência adquirida nas lutas anteriores;

• explicitar a posição das autoridades (C.E., professores), dentro da escola e a sua evolução à medida que as lutas se vão desenvolvendo, bem como as acções repressivas a que recorreram.

Este trabalho não pode ser obra de um dia. Ele surge e deve acompanhar diariamente os novos alunos, à medida que eles próprios se vão apercebendo da situação em que vivem na Faculdade, de todos os problemas que lhes são levantados, desde a necessidade de se sentar para estudar, à forma como muitas aulas são dadas, aos testes que os profs querem impôr, independentemente da opinião que os estudantes possam ter sobre isso.

No entanto, de imediato, é possível começar por se fazer certo tipo de realizações concretas (teatro, cinema, convívio, desporto), com ampla participação, que permita, não só o convívio e conhecimento dos estudantes de Ciências, mas onde se mostre também como são erradas as ideias que a família e a imprensa em geral, pretendem dar acerca do Movimento dos estudantes.

Foi isto que se decidiu fazer após a reunião dos 1ºs anos. Nela se formaram grupos de trabalho para preparar e trazer a estas realizações o maior número de estudantes, mas o facto é que isso não se faz sentir muito na Faculdade.

(cont. pág..2)



CONTINUEMOS A RECEPÇÃO AOS NOVOS ALUNOS (continuação)

As dificuldades com que os estudantes de Ciências deparam, nomeadamente a falta de instalações associativas, a vigilância dos contínuos sobre toda a nossa informação (os cartazes têm de ser tirados à noite, senão desaparecem...) em parte contribuem para um atraso neste trabalho.

Por outro lado os problemas que surgiram em vários cursos exigiam um esforço das C. de Curso (algumas muito enfraquecidas) para que comesçassem logo a ser tratados.

Tem pois havido várias reuniões de C. de Curso e neste momento, os estudantes estão já a fazer as sebentas do seu curso, a realizar discussões sobre muitas aulas e testes, preparando-se para tomar as decisões que achem mais correctas.

Não se pode pois dizer que não está a ser feita em Ciências a recepção aos novos alunos.

O que se pode e deve dizer é que foi um pouco relegado para segundo plano, mas de forma adequada à altura, a realização de sessões de teatro, convívios, cinema, desporto, etc, que afinal era aquilo que primeiro nos tínhamos disposto a fazer.

No entanto, porque essas sessões são também importantes e devem realizar-se, as Comissões de Curso, agora com uma participação muito mais ampla dos estudantes que já sentiram a necessidade de se integrarem nelas, não vão deixar de trabalhar para brevemente as levarem a cabo.

CONTRA A MILITARIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE! - DIREITO (continuação)

Respondendo a isto os estudantes fizeram greve em vários anos e no dia 13, ao impedimento de uma reunião, responderam com o apedrejamento da fachada da Faculdade e do carro do Martinez (o director) e incendiaram o carro de um gorila.

Procurando intimidar os estudantes, as autoridades mantêm constante vigilância policial na Cidade Universitária e ordenaram um inquérito pormenorizado sobre os "da-nos" provocados nos carros.

Mas, os estudantes saberão mostrar que não estão dispostos a abdicar da sua luta contra este ensino e, decididamente em conjunto, lutarão pela expulsão dos gorilas da Faculdade.

A luta de todos os nossos colegas aponta-nos o caminho a seguir: face à força bruta e anti popular das autoridades, saibamos unir-nos cada vez em maior número e firmemente responder às suas arremetidas.

Cabe-nos apoiar as escolas em luta, mantermo-nos informados do que se passa e participar nas acções gerais que forem levadas a cabo.

TÉCNICO

Com o recomeço das aulas (do 2º Semestre) na primeira semana de Novembro puderam os nossos colegas do Técnico verificar qual era a "normalidade" de que o director Sales Luis falava ao anunciar a reabertura do Instituto:

- A Associação continuava (e continua) encerrada.
- O inquérito instaurado à direcção continuava (e continua) a existir
- Os estudantes não tinham nunca realizado os exames de recurso do 1º Semestre nas condições por eles exigidas.

Para além disto, uma série de inovações que são outros tantos aspectos da politica de militarização que o governo mostra querer impôr na Universidade:

- Uma câmara de filmar instalada no telhado do Pavilhão de Química que é utilizada para fazer reportagens sobre as actividades dos estudantes fora das aulas (1).

- Um sistema de walkie-talkies através do qual o Sales pode contactar rapidamente e em qualquer altura com a equipa de filmagens (Perdigão Queiroga).

- Uma nova máquina emissora de cartões coloridos com os quais pretendem as autoridades exercer um controle rigoroso sobre os horários e as entradas dos estudantes (2).

Já no fim do periodo final dos exames boicotados, o Sales deixava correr boatos como o do chamamento de 70 gorilas para o Técnico, informava pessoalmente um grupo de alunos de que propusera ao CE (Conselho Escolar) a incorporação em Penamacor (no Batalhão Disciplinar) de 150 estudantes mas que o CE não tinha (ainda) aceite e, ao mesmo tempo, fazia sair mais uma carta com a sua "teoria" de que "na acção não há discussão" com ameaças a todos aqueles que não queiram ser "alunos reais" e com a "sugestão" da "abolição das reuniões chamadas RGAs" (Reuniões Gerais de Alunos)...

Mas isto não é tudo.

Os contínuos-bufos têm ordens para vigiar a colocação dos cartazes e a distribuição de imprensa, interrompem reuniões de curso para perguntar se "Aqui é alguma reunião política" enquanto vão olhando para os presentes tentando ver quem fala ou se salienta mais.

O director esmera-se ele próprio na sua actividade de pido enquanto vai dirigindo ameaças aos assistentes e monitores que se mostram indignados com a nova escola-quartel.

Os professores têm instruções para anotar num papel que recebem no início de cada aula se houve ou não interrupções e, no caso afirmativo, quem é que falou e o que é que disse.

Como têm os estudantes do Técnico reagido a esta situação ?

É portanto clara aos olhos dos nossos colegas do Técnico a politica das autoridades - a transformação do Instituto numa autêntica caserna onde consigam reduzir a zero as possibilidades dos estudantes de manter uma informação livre, de se reunirem e de se organizarem para levar as suas decisões para a frente - em suma, procurar impedi-los de continuar a fortalecer o seu movimento progressista dentro da Universidade.

- (1) Este sistema já tinha sido utilizado em Junho, durante a greve a exames para filmar os recontros entre a polícia e os estudantes dos piquetes.
- (2) Estes cartões não foram passados a alguns dos estudantes que nos anos anteriores se haviam mostrado mais activos e o Conselho Escolar, para "justificar" isso atribui falhas à Secretaria e ao Computador.

TÉCNICO (continuação)

Mas a justa revolta que estas medidas geraram nos nossos colegas levou-os, desde o início das aulas, a organizarem-se nos cursos e aporem-se decididamente à militarização da sua escola.

Foi assim que logo no dia 3 quando o director Sales Luis entrou numa Reunião de Curso do 3º de Electricidade, os estudantes presentes patearam-no e apuparam-no em uníssono porque sabiam que era um bufo que entrara na sala no de sempenho da sua actividade de espião e de denunciante. Reacções semelhantes o correram sempre que o Sales entrou noutras reuniões deste ou doutro curso.

Os estudantes não têm abdicado de afixar cartazes e de distribuir em na imprensa associativa. Mas sempre que é necessário, não são dois ou três que o fa zem, mas sim muitas dezenas de modo que nem os continuos nem a câmara de filmar possam fazer identificações.

No dia 6 cerca de 50 estudantes do 4º de Quimica mantiveram-se de guarda a um cartaz durante horas perante a inpotência e o desespero dos continuos (que evidentemente tinham ordens para o arrancar).

Também no dia 8, algumas dezenas de estudantes do 3º de Electricidade concentraram-se no Pavilhão central e a partir daí percorreram as as aulas distribuindo comunicados e afixando informações nas paredes; depois disso cobriram a colagem de um cartaz impedindo que a câmara de filmar pudesse identificar alguém.

Os estudantes não têm também abdicado de discutir colectivamente a situação actual da sua escola. Para isso têm transformado aulas em reuniões onde tem havido grande participação nas discussões. Um dos exemplos mais expressivos é o de uma reunião realizada numa aula teórica do 2º Ano, no dia 7. Numa volta à turma quase 100 estudantes intervieram e mostraram o seu empenho em lutar contra a militarização através de acções colectivas.

Também na segunda-feira (dia 12) os colegas do 2º de Electricidade decidiram efectuar uma reunião de curso. Perante a obstinação de um dos professores em dar aula, todos os estudantes (mais de uma centena) abandonaram a sala e dirigiram-se para o anfiteatro onde decorria outra aula. A reunião faz -se e no fim os estudantes presentes deram informações do seu curso numa reunião do 2º de Civil que decorria ao mesmo tempo. Quando o Sales chegou, fazendo as suas habituais provocações foi pateado e a seguir deixado sozinho na sala.

Para terça-feira 13 estava marcada uma RGA. Numa das suas circulares o director afirmava na véspera que proibia a reunião. Mas a única forma de o conseguir foi manter o Técnico encerrado durante todo o dia.

No dia seguinte o Instituto voltou a abrir e a RGA realizou-se com cerca de 700 estudantes. Foram aprovadas 3 propostas e uma moção nas quais os estudantes declaram a sua disposição de lutar contra a militarização da Universidade e reafirmaram como objectivos imediatos da sua luta: a reabertura da Associação; o fim do inquérito à direcção; o fim do controle através dos cartões; a retirada da câmara de filmar etc...

marcou-se outra RGA para quinta feira onde se deverá, de acordo com a posição das autoridades face às exigências dos estudantes e com o prosseguimento do trabalho nos cursos, decidir sobre as formas de luta a adoptar.

MEDICINA

Tal como em quase todas as outras Faculdades também em Medicina surgiu a Reforma.

Aliás já há dois anos o Conselho Escolar desta escola tinha apresentado ao Ministério um projecto para a reformar.

As aulas ainda só começaram para o 1º ano mas as "novidades" introduzidas mostram bem o que é que o Governo pretende com a reforma de Medicina.

MEDICINA (continuação)

Em primeiro lugar os colegas do primeiro ano deixaram de ter aulas no hospital junto dos outros anos. Enquanto não se concluem as obras da antiga Faculdade de Medicina do Campo Santana, têm aulas no Instituto de Medicina Tropical, na Junqueira.

Aí foram divididos por dois turnos: de A a J e de J a Z. Enquanto uns têm aulas de manhã, os outros têm-nas de tarde. Cada uma das turnas foi ainda subdividida em duas. Os horários - que são obrigatórios - não podem ser alterados.

Dividindo as pessoas pelas turnas, fazendo-as permanecer dentro do Instituto apenas o indispensável para as aulas pretendem as autoridades isolar ao máximo os estudantes uns dos outros para que não haja discussão entre as pessoas, para que os problemas não apareçam como dizem respeito a todos, facilitando aos inumeros continuos e monitores o controle do descontentamento dos estudantes.

Em segundo lugar apareceram as "inovações pedagógicas".

Os professores dizem textualmente que é necessário dar a aula a um ritmo elevadíssimo. "Haja ou não haja duvidas, não interessa; o professor (que dá a aula "ao vivo" para uma turma e pela televisão para outra) marca ariamente o ritmo a que a aula é dada, tendo a maior parte dos alunos desistido de a tentar compreender.

No que diz respeito aos exames, para passar de semestre é necessário fazer 3 das 4 cadeiras existentes; para passar de ano é preciso fazer 7 (!)

Obrigando os estudantes a perder muito tempo com as cadeiras e os exames, e decorar quase sempre sem pensar, o que lhes é ensinado, dificultando enormemente a passagem de ano, o Governo garante que lima a entrada no segundo ano apenas àqueles que se aguentam no seu esquema de decoração embrutecedor.

Par e par com tudo isto surgem as medidas mais descaradas: um autêntico batalhão de continuos impede a informação nas turnas, a distribuição de comunicados associativos, e o director - Torres Pereira - ameaça com suspensões quem o fizer.

Tal como cá em Ciências não existem salas dos estudantes onde se possa estudar, discutir livremente os problemas que surgem, reunir, de forma a estabelecer uma vida colectiva entre os estudantes.

COMO TÊM OS ESTUDANTES DE MEDICINA REAGIDO A ESTE ESTADO DE COISAS ?

Ao princípio, houve quem enveredasse pela resolução individualista do seu problema. Foi assim que apareceram anuncios nos jornais a pedir "troca de horários", a prometer "aliviamentos" chegando a haver quem pedisse quase de joelhos aos professores, para que estes "intercedessem" em seu favor.

Mas, cada vez os nossos colegas compreendem melhor o seu erro e a ineficácia deste "método".

Toda a sua situação - a divisão exaustiva dos estudantes; o elevadíssimo ritmo de matéria; a não existência de salas dos estudantes; as proibições de reuniões e de informações - não aconteceu por acaso.

Não desaparecerá pois, elas boas-graças de algum benemérito professor.

Só os estudantes, lutando organizadamente conseguirão impedir que as autoridades levem àvante as suas tentativas de militarização.

INDUSTRIAL

Já há quase 3 anos que não existia qualquer trabalho associativo no Industrial.

No fim do ano passado, e, principalmente, no inicio deste ano, a si-

INDUSTRIAL (continuação)

tução começou a alterar-se.

Os nossos colegas organizam-se nos diferentes cursos, garantem informação livre dentro do Instituto e caminham já no sentido do erguer de Comissões de Curso (havendo já algumas a trabalhar) e da discussão e tomada de posição colectiva de todos os estudantes face aos inúmeros problemas que se lhes levantam nos cursos.

As autoridades tudo têm feito para dificultar ao máximo este processo

Para impedir a colocação de cartazes (meio importantíssimo de informação) foi ultimamente destacado para o átrio um continuo-bufo especialista em arrancá-los.

No dia 15, quando um grupo de estudantes procedia à afixação de um cartaz a convocar uma reunião de curso, o dito continuo resolveu entrar em funções e investir contra o cartaz ensaiando arrancá-lo. Imediatamente os estudantes reagiram apupando-o e arrancando-lhe o cartaz das mãos. Rápidamente se juntaram duas centenas de estudantes que procederam a nova afixação.

Entretanto o Pide-Almeida (chefe dos contínuos) assomou ao local e deparando com a firmeza dos estudantes pôs-se a mexer murmurando "não vale a pena arrancar".

No dia seguinte, os estudantes do segundo ano procederam igualmente a uma afixação de cartazes por toda a escola incluindo as instalações da bufa(mf) não tendo havido nenhuma investida dos contínuos. Entretanto os cartazes têm permanecido durante o dia afixados, indo os contínuos arrancar alguns a coberto da noite e da ausência dos estudantes.

O motivo desta ultima investida, é de querer impedir que a convocação das reuniões de todos os cursos que se realizam hoje, abranjam efectivamente todos os estudantes.

Mas, a atitude firme dos nossos colegas fez com que as autoridades não levassem à frente os seus intentos.

ISPA

Da mesma forma que em Direito e no Técnico, também as ultimas medidas militarizantes se estenderam ao I.S.P.A. (Instituto Superior de Psicologia Aplicada).

No ano passado, o professor da cadeira de Introdução à Psicologia preparava-se para fazer de novo as frequências aos seus alunos. Estas frequências não eram eliminatórias, no entanto, o matreiro prof através dum sistema de fichas e fotos acabava por identificar os alunos e as suas notas com a respectiva frequência e depois, no fim do ano, nas orais, lá estava o senhor professor sentado à mesa do juri com as contas já todas feitas e com alguns inesperados chumbos já preparados. Era assim que tinha acontecido no ano anterior, pois quase ninguém tinha dispensado da oral acabando por chumbar aí muita gente.

Os estudantes do ISPA, conhecendo já muito bem os intentos deste professor resolveram acabar com as fichas e as fotos e apresentar-lhe a sua resolução. Face à recusa deste é decidida greve às suas aulas e boicote aos exames da primeira e segunda época.

O director do ISPA, querendo a principio mostrar-se amigo dos alunos, dá-lhes razão prometendo resolver tudo. No entanto, como todas as promessas das autoridades esta também não se cumpriu acabando o senhor director por tomar a sua verdadeira face fazendo sair um papelinho onde dizia que tudo ficava na mesma, que nada se alteraria.

Entretanto os cartazes informativos afixados pelos estudantes são arrancados e sai cá para fora um regulamento disciplinar onde são estabelecidas penas (suspensões e expulsões) para alunos que tenham determinado tipo de comportamento.

continua na pag. 2

APOIEMOS OS ESTUDANTES PRESOS (continuação)

Por isso embora a Pide já há muitos anos persiga e prenda os colegas mais activos o Movimento Associativo não deixou ainda de existir. Antes elese tem desenvolvido e reforçado constantemente englobando nas sua estruturas um numero cada vez maior de estudantes.

Na verdade, a partir do momento em que são todos os estudantes que re pudiam a politica do governo e se insurgem activamente contra ela, de pouco ~~se~~ virão as prisões de alguns colegas mais activos; elas são antes um incentivo para nos integrarmos na luta, para divulgarmos as acções progressistas que ~~se~~ de envolvem no interior das cadeias para substituírmos na luta os estudantes presos !

ISPA (Continuação)

O boicote é cumprido 100 %.

Concentram-se então os alunos do ISPA para ver qual a posição do director relativamente a este ano lectivo. A resposta deste foi tentar identificar quem falava.

Sairam entretanto cinco processos disciplinares, sendo os estudantes processados convocados para prestarem declarações. No dia anterior, num Meeting, decidiram os alunos do ISPA que os seus colegas não iriam prestar declarações, indo, em vez disso, todos os participantes desse meeting pedir explicações sobre a origem do processo. O professor encarregado do processo, bastante "entalado" acabou por se escapar discretamente da sala.

Numa Reunião Geral de Alunos, com cerca de centena e meia de estudantes é aprovada uma proposta que reafirma a disposição dos alunos do ISPA de imporem na prática a liberdade de informação e reunião e onde é exigido o arquivo imediato dos processos, fazendo até que isso aconteça, greves intermitentes. Durante essas greves os estudantes têm feito discussões sobre a sua situação.

Também como nas outras escolas os estudantes do ISPA responderam às arremetidas das autoridades da melhor forma: quer fazendo discussões de denuncia de tais manobras, quer chamando para a luta cada vez mais colegas, consolidando o Movimento. É assim que se assistiu no ISPA a uma RGA com uma das maiores participações de sempre (1), onde se aprovaram propostas de firme disposição de continuação da luta pela imposição da liberdade de informação e reunião.

(1) No ISPA estudam cerca de cinco centenas de estudantes

DIREITO

Neste momento em Direito (e desde há dois anos), a realização de reuniões, a existência de informações, orais ou escritas, ou qualquer outra actividade associativa, está grandemente dificultada pela presença dos "gorilas".

Eles são uma das armas das autoridades na sua tentativa de transformar as escolas em casernas onde a disciplina e a obediência cega aos superiores, impere.

Em algumas escolas, a forma como a luta contra os "gorilas" foi conduzida levou o Governo a reconsiderar, e a optar pelo que lhe era menos desfavorável na altura: ordenar a sua retirada.

Mas em Direito a luta, mal organizada, não conseguiu impôr a sua expulsão.

Por isso, numa altura em que o Governo recorre a violentos processos de repressão e tenta assim impôr a Reforma na Universidade, (cargas policiais acompanhadas de tiroteio, encerramento de Associações, expulsões, prisões e incorporações de estudantes) em Direito os Gorilas intensificam a sua acção:

Assim desde o dia 9 de Novembro que vários colegas têm sido impedidos de entrar, revistados e espancados. Os meetings e concentrações dentro da faculdade são impedidos pelos "gorilas".

continua na pag. 2.

APOIEMOS OS ESTUDANTES PRESOS

São mantidos actualmente nas cadeias políticas (Caxias e Peniche) e nos campos de concentração das colónias (Tarrafal, Chão-Bom etc.) muitas centenas de trabalhadores e estudantes. Aí eles enfrentam diariamente a brutalidade dos assassinos da PIDE e muitos são os que sabem manter sempre um comportamento correcto e firme, não cedendo às torturas nem às ameaças.

Não têm já conta o número de trabalhadores portugueses e patriotas africanos que encontraram corajosamente a morte no seu ultimo combate, nas masmorras do governo

APOIAR OS COLEGAS PRESOS É QUEBRAR O SILÊNCIO SOBRE A SUA SITUAÇÃO

Sobre a situação dos numerosos presos, os órgãos de informação oficiais (a imprensa, a rádio e a televisão) não divulgam informações concretas. Para os jornais ou para a televisão "não" existem as torturas e os espancamentos, "nunca" são assassinados pela Polícia os presos das cadeias portuguesas. Aí tudo se passa como na "Continuidade" (órgão oficial da PIDE) onde se diz que Caxias é a prisão mais confortável da Europa...

Ora, já a ninguém espanta o silêncio obstinado da imprensa oficial sobre as prisões de trabalhadores e estudantes progressistas.

Então seria o próprio governo a dizer as atrocidades que comete, a mostrar a todos que deve a sua existência a um forte aparelho repressivo? Iria ele dizer que é a sua policia e que são os seus exércitos que nas Colónias espalham o terror entre as populações e levam para os campos de concentração muitos dos seus filhos? Que nas suas masmorras são torturados e espancados dezenas de operários e camponeses de Portugal? Iria ele confessar o assassinio dos melhores combatentes do Povo Português?

Certamente que não.

Por compreendermos isto há muito nos lançámos na tarefa de divulgar - nos nós próprios as informações sobre o que se passa nas cadeias na nossa imprensa não censurada e unicamente controlada por nós.

APOIAR OS COLEGAS PRESOS É DIVULGAR AS SUAS POSIÇÕES PROGRESSISTAS

A prisão pela pida de trabalhadores ou estudantes não pode marcar o fim da sua luta progressista!

Nas cadeias, mais do que nunca, é preciso conservar uma posição firme, não colaborando com os torcionários, não prestando quaisquer declarações.

A Pide e o governo tudo tentam para fazer crer que é "natural" o comportamento cobarde na prisão e que é "impossível" não ceder nos seus interrogatórios. Ora, são já muitos os trabalhadores e estudantes progressistas que têm demonstrado que na prisão "mesmo frente às mais cruéis torturas QUEM NÃO QUER CEDER, NÃO CEDE; QUEM NÃO QUER COLABORAR, NÃO COLABORA; QUEM NÃO QUER FALAR, NÃO FALA; QUEM NÃO QUER TRAIR, NÃO TRAI".

É nosso dever divulgar o comportamento correcto de todos os nossos colegas que, não abandonando o progressismo às portas de Caxias, se portam firmemente, assim como desmascarar o comportamento dos traidores!

APOIAR OS COLEGAS PRESOS É TAMBÉM SUBSTITUI-LOS NA LUTA!

Ao afastar colegas nossos o governo tem como principal objectivo, diminuir o numero de estudantes activos, descabeçar o Movimento e intimidar os outros estudantes com o espectro de Caxias.

No entanto se as acções violentas do Governo enfraquecem momentaneamente a luta dos estudantes, a revolta que ela provoca junto de todos nós vai aumentar cada vez mais o número de estudantes em luta e reforçar o nosso Movimento.

A LUTA NOS LICEUS

Todos nós concerteza que nos lembramos dos velhos tempos dos liceus. Os reitores proibiam o que queriam e bem entendiam; desde o "não se poder fumar" até à imposição aos alunos do casaco e gravata, passando pelas más notas, pontos, faltas de castigo, etc.... enfim toda essa gentinha da "sala de professores" fazia o que queria do "seu" liceu.

Como resposta a isto havia por vezes reacções individuais ou nalguns casos até colectivas, mas como inconsistentes e desorganizadas, rapidamente eram desfeitas com se veros castigos.

Será talvez esta a ideia que muitos de nós temos ainda do ensino secundário, mas ela não corresponde à realidade. De facto, desde que o Movimento Associativo dos liceus (o MAEESL) se começou a debruçar sobre os problemas dos estudantes do ensino secundário, e a apontar para a sua resolução ideias correctas, o Movimento tem dado gran des passos em frente. É assim que:

Por um lado passaram a travar-se lutas nos vários liceus, cada vez menos esporádicas em que os vários aspectos deste sistema de ensino passaram a ser sistematicamente postos em causa.

Por outro lado as pequenas lutas que frequentemente se travam nas turmas, onde se reivindica a abolição desta ou daquela falta, onde se pretende substituir um professor, dão frequentemente origem a amplos processos pela liberdade de informação e reunião generalizados a todo o liceu. Aí os estudantes do ensino secundário mostram com preender já a necessidade destas conquistas para a resolução dos seus problemas, para o avanço da sua organização.

Como é evidente a posição das autoridades tem-se alterado também radicalmente. Preocupadas ainda em acabar com as lutas dos estudantes elas passaram no entanto, e também no ensino secundário a temer as movimentações justas e progressistas dos estudantes, passando a medir muito mais cautelosamente as suas acções. Os factos seguintes ilustram o que acima se afirma:

Na convocação e preparação de uma Assembleia Geral que os estudantes do ensino secundário vão realizar para discutir as posições a tomar nas várias escolas (relacionadas com os seus colegas ultimamente presos, expulsões e suspensões) fizeram-se Meetings nos liceus PASSOS MANUEL, P.A.VIEIRA, D. LEONOR, D. PEDRO V, CASCAIS e PEDRO NUNES.

No liceu D. Pedro V, depois de várias reuniões de turma dos quartos e terceiros a nós, para tratar de problemas concretos, decidiram os estudantes convocar ^{esse} Meeting também para informar os colegas do liceu. Ele teve a presença de 600 participantes. Posteriormente realizaram-se mais 2 Meetings, cada com 500 e 8400 presentes. Neste liceu já se afixam normalmente cartazes informativos das lutas dos estudantes, sendo só arrancados pelos contínuos nas horas de aula, quando ninguém fica a guardá-los.

No liceu de Cascais, o Meeting aí realizado teve a participação de 500 estudantes. Entretanto um dos professores lá do liceu resolve intimidar os alunos presentes com as faltas de presença na aula seguinte, porém aos gritos de "vai-te embora" o senhor é posto fora dali. No fim do Meeting ficaram 200 estudantes a guardarem um cartaz que tinha sido afixado.

No Pedro Nunes onde também grandes lutas se têm desenvolvido e se têm afixado vários cartazes (sem serem arrancados pelos contínuos), o Meeting teve a participação de 250 estudantes. No fim os estudantes gritaram "viva a liberdade de informação e reunião" e "bufos fora do liceu".

Nestes Meetings, os estudantes presentes reafirmaram a sua disposição em reforçar o seu Movimento sindical e participar na Assembleia Geral que se realiza no dia 25.

PARTICIPA ACTIVAMENTE NA CAMPANHA DE APOIO AOS ESTUDANTES PRESOS

Em textos atrás, procurámos definir o que julgamos dever ser um apoio correcto aos estudantes presos. No entanto, para que um apoio tenha a amplitude necessária, é preciso que esse apoio não fique no papel, que seja levado para a frente por todos os estudantes de Ciências.

Neste sentido começaram já a trabalhar nas Comissões de Curso grupos de estudantes que recolherão dados para a edição de textos que contribuam para discussão sobre a prisão de estudantes e do que se passa nas cadeias, quais os métodos que utiliza a pida, como reagem os presos, etc.

Claro que esses textos não se podem limitar à simples divulgação de estatísticas ou considerações "lamechas" sobre a situação dos nossos colegas; eles devem antes, divulgar dados que contribuam para o esclarecimento sobre a posição correcta a tomar na cadeia face à tortura e desmascarar o melhor possível as posições colaboracionistas.

O dinheiro da venda de textos, como o de colectas que já se fizeram na Cidade Universitária e em Económicas será destinada a auxiliar economicamente os colegas presos (no pagamento de multas e cauções).

Levar para a frente este trabalho é uma tarefa importante que pode contribuir para o esclarecimento de todos os estudantes e para um efectivo apoio aos colegas presos. No entanto, para que ele possa ser realizado é necessária a participação de um grande número de estudantes.

PARTICIPA NA CAMPANHA DE APOIO AOS COLEGAS PRESOS!

INTEGRA-TE NO TRABALHO DAS COMISSÕES DE CURSO!

